

A INTERSUBJETIVIDADE INATA DOS BEBÊS EM COLWYN TREVARTHEN: UMA ANÁLISE DOS ESTUDOS DA DÉCADA DE 1970¹

Tarcísio Corrêa de Brito²

Monalisa Maria Lauro³

RESUMO:

A psicologia do desenvolvimento infantil, em uma perspectiva racionalista, em certa medida, ainda considera as produções multimodais dos bebês como meras reações fisiológicas automáticas em resposta a estímulos externos. Confundindo linguagem e fala, alguns pesquisadores desconsideram as efetivas intenções comunicativas dos bebês, na interação precoce da díade mãe-bebê. Colwyn Trevarthen, professor emérito da Universidade de Edimburgo, defende uma psicobiologia intersubjetiva do sentido humano que problematiza a tese do desenvolvimento linear e passivo dos bebês, a partir de seus estudos acerca da psicologia fisiológica no âmbito da ciência do movimento; autorregulação; comunicação não verbal e aspectos conativos e emocionais da vida dos bebês. O objetivo da presente pesquisa de caráter histórico-conceitual foi apresentar ao público brasileiro uma análise de dois conceitos fundamentais em sua obra: a intersubjetividade primária (interação dialógica entre mãe-bebê) e a secundária (atuação sobre objetos introduzidos e tematizados pelo bebê nessa interação inicial). Por meio da análise de fontes primárias, publicadas por Trevarthen, na década de 1970, constatou-se que, apesar desses conceitos terem sido formalizados entre 1970 e 1980, pesquisas anteriores realizadas por Trevarthen, junto aos grupos de pesquisa aos quais se vinculou na década de 1960 foram fundamentais para estabelecer as bases neurobiológicas interpessoais da intersubjetividade. De igual maneira, seus artigos posteriores ajudaram a esclarecer sua teoria, e seus métodos e trabalhos recentes confirmam a importância de suas reflexões sobre a intersubjetividade, ao longo dos últimos cinquenta anos.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil. Colwyn Trevarthen. Intersubjetividade primária. Intersubjetividade secundária.

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa História da Psicologia e seus aspectos filosóficos. Recebido em 24/04/2024 e aprovado, após reformulações, em 24/05/2024.

² Mestre em Filosofia do Direito pela Faculdade de Direito da UFMG e discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). Email: tarciscb@trt3.jus.br

³ Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora e docente do Centro Universitário Academia. Email: monalisalauro@uniacademia.edu.br

L'INTERSUBJECTIVITÉ INNÉES DES BÉBÉS CHEZ COLWYN TREVARTHEN : ANALYSE DES ÉTUDES DES ANNÉES 1970

RÉSUMÉ :

La psychologie du développement de l'enfant, dans une certaine mesure, considère encore les productions multimodales des bébés comme de simples réactions physiologiques automatiques en réponse à des stimuli externes. En confondant langage et parole, certains chercheurs négligent les intentions communicatives efficaces des bébés lors des premières interactions de la dyade mère-bébé. Colwyn Trevarthen, professeur émérite à l'Université d'Édimbourg, défend une psychobiologie intersubjective du sens humain qui problématise la thèse du développement linéaire et passif des bébés, en s'appuyant sur ses études sur la psychologie physiologique dans le cadre de la science du mouvement ; l'autorégulation; communication non verbale et aspects conatifs et émotionnels de la vie des bébés. L'objectif de cette recherche historico-conceptuelle était de présenter au public brésilien une analyse de deux concepts fondamentaux de son œuvre : l'intersubjectivité primaire (interaction dialogique entre la mère et le bébé) et l'intersubjectivité secondaire (agir sur les objets introduits et thématiques par le bébé dans cette interaction initiale). Grâce à l'analyse des sources primaires, publiée par Trevarthen, dans les années 1970, il a été constaté que, même si ces concepts ont été formalisés entre 1970 et 1980, les recherches antérieures menées par Trevarthen, ainsi que les groupes de recherche auxquels il était lié dans les années 1970 , 1960 ont été fondamentales dans l'établissement des bases neurobiologiques interpersonnelles de l'intersubjectivité. De même, ses articles ultérieurs ont contribué à clarifier sa théorie et ses méthodes et des travaux récents confirment l'importance de ses réflexions sur l'intersubjectivité au cours des cinquante dernières années.

Mots-clés : Développement de l'enfant. Colwyn Trevarthen. Intersubjectivité primaire. Intersubjectivité secondaire.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, ainda, se sustenta que os bebês nascem sem capacidade de compreender a si e o seu entorno, considerando-o como mero resultado da ação do outro (Parlato-Oliveira, 2019). Em uma perspectiva clássica da teoria do desenvolvimento humano, muitos pesquisadores parecem, portanto, não reconhecer a existência de uma efetiva organização de sua subjetividade, na interpretação dos apelos interno e externos aos quais buscará atribuir sentido.

Nesse contexto, as pesquisas descritivas⁴ desenvolvidas nas décadas de 60 e 70 pelo biólogo e professor emérito de psicologia do desenvolvimento da Universidade de Edimburgo Colwyn Trevarthen – nascido em 1931 e ainda em plena atividade intelectual - sustentam a capacidade de o bebê, desde o nascimento, de participar ativamente de complexas trocas intersubjetivas na construção de seus saberes (Parlato-Oliveira, 2019), a partir de uma subjetividade provocadora que convoca o outro e que “se apoia nos rudimentos de uma consciência individual e intencional” (Trevarthen; Aitken; Gratier, 2019, p.8).

Assumindo essa perspectiva de análise, Trevarthen defende, portanto, a tese de uma teoria da intersubjetividade inata, segundo a qual, o bebê, ao nascer, tenderia à interação com os outros, tendo em vista que já possuiria uma consciência receptiva dos estados subjetivos deles. Como bem explicita Fiamenghi, o bebê já possui “[...] uma capacidade psicológica inata para reconhecer-se e comunicar-se com os estados psicológicos de outros indivíduos” (Fiamenghi, 1998, p. 35, tradução nossa)⁵. Essa “sociabilidade natural dos bebês, engajando o interesse, as intenções e os sentimentos dos pais” (Trevarthen; Aitken, Gratier, 2019, p. 27), somente seria possível, se considerasse que já nos bebês se faz presente uma subjetividade e uma intersubjetividade enquanto uma capacidade de se ajustarem e interpretarem, no ato comunicacional, ações e intenções dos outros.

De maneira mais específica, o autor reconhece que a *intersubjetividade* envolve, primeiramente, o reconhecimento e a coordenação de intenções na comunicação mãe-bebê, com vitalidade e a experiência consecutiva de compartilhamento de seus estados subjetivos - o que denomina de *intersubjetividade primária*. E, *a posteriori*, o bebê passa a compartilhar experiências sobre eventos e as coisas, após a introdução dos jogos e das

⁴ Segundo Trevarthen (1974a), essa modalidade de pesquisa é capaz de demonstrar os fundamentos inatos fortemente formados dos processos psicológicos, incluindo, as mudanças ordenadas de personalidade na vida de cada indivíduo. Trevarthen afirmará anos depois, se referindo a esse período que “nenhum dos estudos [...] usou testes psicológicos, de acordo com um protocolo experimental. Todos se basearam em gravações detalhadas que foram posteriormente estudadas para medir ritmos e formas intencionais ou afetivas dos bebês [...]” (Trevarthen; Delafield-Butt, 2017b, p. 24, tradução nossa).

⁵ Todas as traduções do inglês e do francês apresentadas ao longo do trabalho são de total responsabilidade do primeiro autor.

brincadeiras, em interações triádicas (pessoa – pessoa – objeto), o que é denominado de *intersubjetividade secundária*. Essas teses desenvolvidas por Trevarthen no âmbito da “*Infant Research*”⁶ (Speranza; Ouss-Ryngaert, 2010) e suas pesquisas por meio de microanálises fílmicas de neonatos levam a indagações sobre a evolução e a importância desses conceitos de intersubjetividade, no contexto de uma teoria do desenvolvimento comunicacional dos bebês, sobretudo no cenário nacional e nas pesquisas atuais em psicologia do desenvolvimento infantil.

No Brasil, a extensa obra de Trevarthen, que reúne mais de 240 trabalhos de caráter interdisciplinar, publicados nas últimas cinco décadas, é praticamente desconhecida. Apesar de desde 2011, terem sido publicadas traduções de algumas seções de artigos desse autor (p. ex., Laznick, Cohen, 2011; Trevarthen, Aitken, Gratier, 2019; Trevarthen, Parlato-Oliveira, 2021), ainda há uma escassa publicação de artigos, de revisões e de resenhas em português e em espanhol, o que demonstra a baixa repercussão de sua obra no âmbito nacional e a predominante visão de desenvolvimento linear dos bebês. Contudo, merecem destaque os trabalhos publicados pelo professor Dr. Geraldo Fiamenghi Junior, que foi orientado por Trevarthen, na Universidade de Edimburgo, com defesa de tese em 1998⁷, a respeito da imitação e da interação dos bebês com o espelho, a partir da teoria da intersubjetividade inata.

Na presente pesquisa nosso objetivo foi analisar o desenvolvimento dos conceitos de intersubjetividade primária e de intersubjetividade secundária nos textos selecionados de Trevarthen, referentes à década de 1970, por meio de uma pesquisa teórica de caráter histórico-conceitual. Adotou-se uma abordagem cronológica, observando a efetiva ordem de elaboração dos conceitos investigados, a fim de identificar a sequência de sua elaboração, evolução e eventuais rupturas em sua conceitualização, bem como o contexto histórico de sua primeira constituição e os seus pressupostos empírico-epistemológicos.

⁶ Se trata de um subdomínio da psicologia do desenvolvimento que se interessa pelas fases precoces do desenvolvimento infantil, particularmente, pelos processos de organização e de regulação que surgem no âmbito do sistema diádico mãe-bebê (Speranza; Ouss-Ryngaert, 2010).

⁷ Fiamenghi defendeu a tese sob o título “*Interaction between infants: understanding intersubjectivity and emotional expression*” (1998) – estudando a interação entre bebês de seis a nove meses de idade.

Se considerada mais especificamente a década de 1970, recorte de análise proposto nesse estudo, é possível localizar, pelo menos setenta e três produções de Trevarthen (publicações efetivas e no prelo; resenhas; conferências, etc., em língua inglesa ou francesa) onde se vislumbram elementos que estruturam o conceito de intersubjetividade inata. Contudo, para melhor compreensão e manejo dos conceitos de intersubjetividade primária e secundária foram selecionados para leitura e análise cerca de quinze artigos que referenciam mais diretamente os conceitos estudados. Vale ressaltar que, durante esse período, Trevarthen se dedicou aos estudos de neurobiologia da percepção visual e da consciência; à psicobiologia do desenvolvimento da fala, e, às análises descritivas do comportamento de comunicação infantil e de cooperação na díade.

As fontes primárias foram selecionadas e organizadas a partir das bases de dados eletrônicas *Google Scholar*, *ResearchGate* e *Internet Archive*. Além disso, foram consultados artigos posteriores publicados pelo próprio autor que acrescentaram elementos importantes para elucidar os contornos de suas pesquisas na década aqui estudada. Também foram consultados artigos clássicos e recentes da literatura secundária que trata do tema aqui investigado. Por fim, cabe mencionar que não foi possível obter acesso a todos os trabalhos publicados, na década de setenta, demandando novas pesquisas para revisar e/ou incluir novos trabalhos no recorte proposto.

2 OS PRIMORDIOS DE UMA TEORIA DA INTERSUBJETIVIDADE INATA DOS BEBÊS

A partir da defesa de uma inteligência motora inata, Trevarthen afirma que o bebê é capaz de assumir a liderança na interação dialógica, pretendendo “um envolvimento cooperativo de seus interesses e sentimentos para descobrir novas ideias” (Delafield-Butt; Trevarthen, 2019, p. 2, tradução nossa). Segundo Martinez (2011), é no contexto de interesses amplos e interdisciplinares que Trevarthen conceberá uma nova teoria da mente infantil, “[...] que nos permite compreender, interpretar e antecipar o comportamento dos outros através de estados mentais, como desejos e crenças” (Martinez, 2011, p. 12, tradução

nossa). Entre suas áreas de interesse pode-se destacar: psicobiologia e ciência do desenvolvimento cerebral do movimento expressivo; intersubjetividade humana e aprendizagem cultural; comunicação de experiência e emoção desde a infância; cronobiologia e musicalidade da ação humana e suas aplicações no desenvolvimento; educação; terapia e arte. Nesse contexto interdisciplinar, Trevarthen (1998) defenderá que a intersubjetividade nada mais é do que “uma teoria de como as mentes humanas “[...] podem reconhecer os impulsos uns dos outros, intuitivamente, com ou sem elaborações cognitivas ou simbólicas” (Trevarthen, 1998, p. 17, tradução nossa).

Gradativamente, em suas pesquisas da década de 1970, se torna evidente a importância dos “mecanismos neurais intersubjetivos essenciais da comunicação pela linguagem” (Trevarthen, 1999, p. 416, tradução nossa), na compreensão do aspecto dinâmico do compartilhamento pré-verbal dos bebês, por meio de movimentos corporais que fornecem aos bebês informações sensoriais, além de ideias simbólicas ativas nas mentes dos sujeitos envolvidos nessa interação. Disso dependem, segundo Trevarthen (1999) especificará mais tarde, a aprendizagem cultural e a gênese das crenças, das línguas e dos rituais convencionais do meio social em que o processo de subjetivação se performa, em uma aproximação com a Fenomenologia⁸.

Por um lado, seus estudos acerca de uma psicobiologia intersubjetiva do significado humano integraram conhecimentos advindos da biologia; etologia animal e humana; antropologia social; neurobiologia; psicologia do desenvolvimento dos anos 60 e 70; ciência cognitiva da década de 50; além da teoria da interação social de Jerome Bruner⁹, para permanecermos apenas nas influências mais diretas. Trevarthen procurou esclarecer que, nessa perspectiva

⁸ Trevarthen, no capítulo escrito com Schögler, “*To sing and dance together. From infant to jazz*” (2007), em referência expressa à Fenomenologia, conceitua a intersubjetividade no bebê como sendo uma habilidade de entrar na experiência dinâmica do movimento da mãe, compartilhando com ela um diálogo de expressões vocais, faciais e gestuais. Na perspectiva de uma filosofia do significado, Trevarthen e Delafield-Butt (2017b) defendem que o poder do cérebro de integrar suas atividades, prospectivamente, a partir de padrões rítmicos coerentes de movimento é reconhecido como uma abordagem fenomenológica para uma ciência cerebral da intersubjetividade infantil e de sua inteligência motora.

⁹ Uma contribuição importante adveio do psicólogo estadunidense e pioneiro da psicologia cognitiva, Jerome Bruner (1915-2016). Segundo Trevarthen (2003a), ele destacou a sensação e a percepção humanas como integrantes de um processo ativo e não meramente receptivo (Trevarthen, 2003a).

psicobiológica, “o self é uma entidade bem governada e intencional – isto é, criadora de atividade – desde a concepção” (Trevvarthen, 2012, p. 15, tradução nossa). Nesse sentido, ele direcionou seu trabalho, no sentido de “obter uma ciência psicobiológica natural da infância, especialmente os fundamentos dentro dela para a intersubjetividade humana [...]” (Trevvarthen, 2015a, p. 396, tradução nossa), como explicará nos anos 2000. Para esse fim, a partir de microanálises, por meio da gravação dos movimentos faciais, das mãos e das vocalizações dos bebês na interação com a díade (mãe, pai ou cuidadores) foi fundamental o desenvolvimento de uma metodologia interdisciplinar de observação e da pesquisa experimental por ele desenvolvida no curso da década de sessenta¹⁰.

Por outro lado, essas pesquisas no contexto da comunicação pré-verbal em bebês enfrentaram desafios metodológicos, possibilitando o estabelecimento e a adaptação de métodos de pesquisa específicos, alguns deles, provenientes dos estudos em etologia – principalmente, no plano da observação¹¹, investigando o compartilhamento dos significados, na comunicação não verbal¹². Procurando, pois, estabelecer as bases para o desenvolvimento do conceito e os fundamentos da intersubjetividade dos bebês, Trevarthen (1998) identifica sete etapas que sintetizam o percurso de suas reflexões acerca das intenções intersubjetivas nos bebês, as três primeiras etapas tendo sido concluídas no Centro para Estudos Cognitivos da Universidade de Harvard, entre os anos de 1967 e 1968, e, as etapas subsequentes realizadas junto à Universidade de Edimburgo, a partir de 1971. Contudo, para melhor compreender o estado da arte da pesquisa de Trevarthen sobre a intersubjetividade inata nos bebês, é

¹⁰ No plano antropológico, serão fundamentais os trabalhos desenvolvidos pelas antropólogas culturais americanas Margareth Mead (1901-1978) e Mary Catherine Bateson (1939-2021), no sentido de compreender a ciência da intersubjetividade “[...] como as mentes são compartilhadas para gerar microculturas (familiares) e macroculturas (sociais) [...]” (Kokikinaki et al., 2023, p. 2, tradução nossa).

¹¹ A esse respeito, Bullowa (1979) acentua que o trabalho inicialmente desenvolvido por Trevarthen e Martin Richards no Centro de Estudos Cognitivos de Harvard foi muito mais observacional do que experimental.

¹² Demoramos a perceber que as pistas extralinguísticas devem ajudar a criança a aprender o que fala a fala que ouve “com todo o seu complemento de contextos vocais, corporais, sociais e situacionais” (Bullowa, 1979, p. 11). Nessa perspectiva, os atos de linguagem são intermediados por meios convencionais (não verbais e verbais) para exprimir e realizar intenções dos sujeitos que se comunicam (Reboul; Moeschler, 1998).

importante apresentar as influências que foram fundamentais para o desenvolvimento posterior de suas reflexões nesse domínio de pesquisa.

2.1 AS PESQUISAS NO INSTITUTO DE TECNOLOGIA DA CALIFORNIA (1957-1962) E NO INSTITUTO DE NEUROFISIOLOGIA E DE PSICOFISIOLOGIA DE MARSELHA (1963-1966)

Smidt (2018) aponta três pesquisadores que exerceram influência fundamental na carreira de Trevarthen: o fisiologista e ecologista Archibald Keverall McIntyre (1913-2002), professor de Fisiologia na Universidade de Otago; o neurobiologista e fisiologista Roger Sperry (1913-1994) do Instituto de Tecnologia da Califórnia, agraciado com o Nobel de Fisiologia ou Medicina de 1981; e, o neurofisiologista Jacques Paillard (1920-2006) do Instituto de Neurofisiologia e Psicofisiologia da Universidade de Marselha-França. Nesse trabalho, defende-se que, mais especificamente, os trabalhos desenvolvidos sob a orientação de Sperry e de Paillard foram fundamentais para o avanço da teoria da intersubjetividade inata¹³. Foi sob a orientação de Sperry¹⁴ que Trevarthen desenvolveu métodos específicos para testar a coordenação olhos-mão¹⁵ e a consciência visual – tomando como referência a aprendizagem visual dupla nos dois hemisférios cerebrais de macacos por meio da utilização da técnica da comissurotomia¹⁶.

Com base nas pesquisas de Sperry, Trevarthen conclui que era possível aprender sobre as mentes, a partir do resultado da atividade vital do indivíduo. Nesse contexto, a partir de 1967, esse autor passou a estudar os parâmetros da linguagem pré-verbal dos bebês até os dezoito meses e o desenvolvimento típico infantil (Martinez, 2011). A importância dessa pesquisa para o desenvolvimento

¹³ Nas palavras do próprio autor: “[...] fui orientado pela psicologia da ação da teoria motora da percepção de Sperry (Sperry, 1952) e pela fisiologia dos movimentos de Paillard (Paillard, 1960) [...]” (Trevarthen, 2013a, p. 205, tradução nossa).

¹⁴ Para maiores informações sobre o trabalho de Sperry, consultar Trevarthen, *Roger W. Sperry (1913-1994) Obituary*, 1994.

¹⁵ Tursky e Trevarthen (1969) argumentaram, no mesmo sentido, que a complexidade das estruturas desenvolvidas no período pré-natal seria determinante para a *coordenação intencional* do sistema olho-cabeça-braço-mãos, retomando as pesquisas do período do Caltech.

¹⁶ A identificação de diferentes funções cognitivas, motivacionais e emocionais dos hemisférios cerebrais foi possível por intermédio de pesquisas com pacientes comissurotomizados que tiveram os córtices cerebrais separados cirurgicamente (Trevarthen, 2009).

da teoria da intersubjetividade inata foi fundamental, pois, tratava-se de comprovar as pesquisas de Charles Scott Sherrington (1857-1952)¹⁷, da década de 50, acerca do “Eu” proprioceptivo e exteroceptor como agente, o que possibilitou compreender de que maneira a sintaxe linguística e a prosódia orientavam a aquisição de detalhes semânticos – desde a infância – em jogos compartilhados de exploração (Trevarthen, 2019a).

Contudo, antes dessa época, entre 1963 e 1966, Trevarthen realizou um pós-doutoramento por intermédio do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos (USPHS)¹⁸ acerca da padronização dos movimentos pelo sistema nervoso e do reforço do papel da psicologia fisiológica no campo da neurociência do movimento. Esses estudos interdisciplinares permitiram compreender a maneira delicada do uso de ambas as mãos para manipulações inteligentes, controladas pela visão e pelo toque. A técnica de filmes de alta velocidade a 40 quadros por segundo, desenvolvida por Trevarthen nesse Instituto, com objetivo de analisar as habilidades bimanuais complexas de babuínos interessou o professor Bruner que acreditava ser possível sua utilização nos estudos com bebês. A partir desse momento, no âmbito das pesquisas em Harvard, com o estudo dos aspectos conativos¹⁹ e emocionais da vida dos bebês foram lançados os frutos para a estruturação do conceito de intersubjetividade inata dos bebês, na perspectiva primária.

2.2 AS PESQUISAS NO CENTRO DE ESTUDOS COGNITIVOS DE HARVARD (1967-1968)

17 Sherrington foi um histologista, microbiologista, neurofisiologista e patologista britânico, que recebeu o prêmio Nobel de Fisiologia/Medicina de 1932, por seus trabalhos na área de neurologia. A partir de suas pesquisas sobre mecanismos neurais de propriocepção, o neuropsicofisiologista soviético Nikolai Bernstein (1896 - 1966) filmou a dinâmica cíclica de inúmeras ações de locomoção, com o fim de determinar de que maneira os movimentos eram imaginados no cérebro (Trevarthen 2012).

18 Fundado em 1963, no campus de Marselha do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) da França, sob a orientação de Paillard, no âmbito das pesquisas em psicofisiologia, se tentou explorar o comportamento, a partir de seus mecanismos e de seus aspectos fisiológicos subjacentes (Clarac; Massion; Stuart ,2009).

19 Que dizem respeito à “[...] motivação, emoções, temperamento e personalidade do indivíduo [...] sinônimo de estado de preparação do organismo para certas tarefas ou situações [...]” (Fonseca, 2014, p. 241), relacionando-se ao sistema límbico.

O Centro para Estudos Cognitivos em Harvard foi fundado por Jerome Bruner e George Miller, em 1960, com o intuito de ser uma instituição interdisciplinar, como afirma Cohen-Cole (2007), e, muito provavelmente sob a mesma inspiração do Instituto de Neurofisiologia e Psicofisiologia de Marselha. Ainda como afirmam Cohen-Cole (2007), o objetivo principal era permitir aos pesquisadores que visitavam o Centro desenvolver um padrão de pesquisa metodologicamente eclético (procedimentos, formas de representação e métodos heurísticos), combinando conhecimentos e técnicas da sociologia, filosofia, linguística, psicologia social, antropologia cultural, pediatria e psicologia clínica.

Portanto, procurando estabelecer uma metodologia própria para a nascente ciência cognitiva, em contraponto ao behaviorismo que prevalecia na academia americana, essa perspectiva interdisciplinar permitiu a realização de novas pesquisas sobre percepção, atenção, aprendizagem, memória, aquisição precoce da linguagem e resolução de problemas em bebês – por meio da utilização de técnicas observacionais, cinematográficas e eletrofisiológicas para apreender as habilidades inatas dos bebês. Nesse momento, os estudos desenvolvidos em Harvard focavam a inteligência e a aprendizagem infantil, inspirados nos trabalhos etológicos com primatas não humanos. Com o pediatra americano Thomas Berry Brazelton (1918-2018), por exemplo, Trevarthen afirma ter sido possível observar padrões motores e atencionais dos bebês, por meio de dispositivos de gravação e de filmes de alta qualidade (Trevarthen; Delafield-Butt, 2017b).

Ademais, com o auxílio do zoologista inglês Martin Richard (1940 -), interessado no comportamento maternal de mamíferos, foi possível a Trevarthen encontrar evidências no sentido de que nos primeiros 6 meses de vida havia dois tipos de intenção ou expectativas do bebê: “fazer” com as coisas, a partir de uma atenção concentrada, e “comunicar” de maneira expressiva com a mãe, demonstrando sensibilidade para as respostas (Trevarthen, 2013, 2019; Trevarthen, Delafield-Butt, 2017a). Assim, se reconhecia a existência de uma organização pré-adaptativa sensório-motora preparada para ser ativada, o que dialoga com suas pesquisas anteriores, tornando possível uma comparação entre a atividade pretendida e o que era efetivamente realizado. Bebês

concebiam, portanto, diferentemente, objetos inanimados e pessoas de maneira muito precoce.

Subsequentemente, sob a orientação de Brazelton, Richards e Trevarthen realizaram filmagens a 16 quadros por segundo, semanalmente, com cinco bebês, de dois a seis meses de idade, e suas mães. Os pesquisadores compararam o comportamento dos bebês com as respectivas mães, comprovando que os bebês poderiam assumir a liderança na interação com a díade²⁰, por meio de microanálises do movimento corporal de ambos, com ênfase naqueles. Os estudos do movimento ocular do neonato, de sua capacidade de rastreamento visual, e, da ação de pré-alcance demonstraram, pois, que ele já nascia dotado de uma estrutura espacial que coordenava todos os atos e as experiências em determinado meio de interação.

Considerando, ainda, a importância das sensorialidades e dos aspectos expressivos - principalmente, visuais e motores do bebê, em interação com a díade (mãe-bebê) - para o estudo da intersubjetividade inata, Trevarthen retornou por um breve período às pesquisas em Biologia no Instituto de Tecnologia da Califórnia entre os anos de 1969 e 1970. Utilizando um eletro-oculograma (EOG) com um dispositivo de retenção para fixar a posição da cabeça desenvolvido em Harvard foi possível estudar a coordenação espontânea da cabeça-olhos em bebês quanto à fixação do olhar e à testagem da visão infantil periférica (Tursky; Trevarthen, 1969).

Com essa breve exposição histórico-biográfica é possível constatar que, apesar de a definição e o uso da expressão intersubjetividade inata ter sido definido apenas a partir de 1970 (p.ex. Braten e Trevarthen, 2007; Schore, 2021), as pesquisas com bebês, de fato, se iniciaram no Centro para Estudos Cognitivos de Harvard, em 1967, a se considerar a influência direta dos estudos desenvolvidos com Sperry, Paillard e com o grupo de Harvard²¹. Dessa maneira, o reconhecimento da intencionalidade coerente e da consciência ativa do bebê

20 Sobre esses estudos, o próprio autor afirma mais tarde, “[...] uma “conversa” entre Judy, de 12 semanas, e sua mãe, na qual o bebê claramente liderou a interação, foi uma revelação” (Trevarthen, 2019a, p. 2, tradução nossa).

21 Nas palavras do autor: “[...] minha pesquisa com bebês começou no Centro de Estudos Cognitivos com Jerome Bruner [...]” (Trevarthen, 1980, p. 316, tradução nossa). Contudo, ele alega que os traços inovadores de sua pesquisa se devem à sua formação como biólogo, na Nova Zelândia e de seus trabalhos com Sperry no Caltech (Trevarthen, 1979; Smidt, 2018).

ao nascer; a percepção quanto à imitação de padrões de comportamento para pessoas e objetos por bebês de 1 mês de vida e os motivos protoconversacionais²² no primeiro semestre de vida foram as três primeiras etapas da pesquisa de Trevarthen quanto ao tema da intersubjetividade dos bebês.

Entretanto, os temas da intersubjetividade normal precoce e do desenvolvimento da intersubjetividade no primeiro ano do bebê serão melhor formalizados e aprimorados na Universidade de Edimburgo, a partir de 1971, como será apresentado na seção seguinte.

3. A ELABORAÇÃO DO CONCEITO DE INTERSUBJETIVIDADE INATA DO BEBÊ NA UNIVERSIDADE DE EDIMBURGO

Até 1971, junto ao Centro de Estudos Cognitivos de Harvard, Trevarthen foi capaz de reconhecer intencionalidade e consciência ativa nos bebês; padrões comportamentais específicos para pessoas e objetos; e motivos protoconversacionais²³ no seu primeiro semestre de vida. Foi no âmbito do projeto “SSCR *Prespeech in communication of infants with adults*”, entre os anos de 1973 e 1976, que Trevarthen focou na descrição do comportamento espontâneo ou de comunicação dos neonatos, entre a segunda e a terceira semanas de vida (estudo das expressões gestuo-emocionais nas protoconversações; efeitos das provocações dos bebês nas narrativas; introdução de objetos no compartilhamento de interesses comuns; e regulação emocional, concluindo, assim, as etapas anteriores de sua pesquisa iniciada no Centro).

Durante a comunicação com a mãe foi possível analisar os níveis e os tipos de animação social presentes nessas trocas ativas. Nesse caso, o objetivo

²² “[...] A protoconversação é um comportamento muito elaborado e surpreendentemente sofisticado entre uma mãe e um bebê que ocorre nos primeiros três meses. A princípio, o recém-nascido reage com sensibilidade à voz da mãe, mas é vago ao olhar para ela. Após cerca de seis semanas, é muito fácil estabelecer contato visual com o bebê, e a mãe e o bebê podem conversar com atenção bem focada nos movimentos um do outro” (Trevarthen, 2003, p. 55-56).

²³ Diz respeito a um comportamento elaborado entre os integrantes da díade (mãe-bebê), já nos primeiros três meses de vida, onde se observa reações do bebê sensível à voz materna, e, após, seis semanas, com manutenção de contato visual, com foco e atenção. Vale ressaltar que o termo “protoconversação” foi cunhado por Mary Catherine Bateson (Trevarthen, 2003).
CADERNOS DE PSICOLOGIA, Juiz de Fora, v. 6, n. 11, p.971-996, jul./dez. 2024 – ISSN 2674-9483

foi determinar se as ações produzidas pelos bebês e suas respostas obedeciam a regras inatas para a transmissão da atenção, da intenção e do humor (Trevarthen, 1974a). Também se pôde questionar a tese da imitação passiva dos bebês²⁴ e de suas limitações sensório-motoras, com relação aos seus próprios gestos produzidos. A intersubjetividade considerada como uma faculdade, como defende Trevarthen, já se encontra, portanto, presente, de maneira embrionária, no neonato, permitindo o desenvolvimento não linear do bebê - entre perdas e ganhos de habilidades e de competências durante esse processo (Hervé, 2023).

Essa aptidão dos bebês lhes conferiria reconhecimento e controle das intenções cooperativas e dos padrões conjuntos de consciência (intencionalidade, percepção e compartilhamento, como acentua Trevarthen (1979b). Essa capacidade de o bebê perceber²⁵ a intenção dos outros e procurar agir para se comunicar segundo essa intenção (controlar e ser controlado) é “[...] a arma secreta neste tipo de desenvolvimento [...]” (Trevarthen, 1979a, p. 535, tradução nossa). Os estudos para a definição da intersubjetividade primária se concentram, pois, nas pesquisas acerca da protoconversa e da imitação.

Como destaca o próprio autor, em anos posteriores, se um bebê, com cerca de 12 meses de vida, parecia ainda não ter descoberto que os outros possuíam mentes ou subjetividades, não se poderia negar que ele já se interessava, há muito, por compartilhar objetivos e propósitos, de maneira construtivamente motivada e provocativa. E, é nesse contexto que Trevarthen (2011) reconhece que a teoria da intersubjetividade infantil é uma teoria dos motivos²⁶ rítmicos inatos do companheirismo da díade, no qual o entrelaçamento de perspectivas entre os indivíduos em interação permite a ambos compreender

²⁴ Como esclarecerá Trevarthen (1993), nos anos 90, as imitações (protusão língua e vocalizações) não correspondem a um mero ato reflexo, subsistindo uma aproximação gradativa, por parte dos bebês, ao modelo a ser imitado, que, igualmente, responde às provocações daqueles. Esses movimentos dos bebês se orientam por seu próprio repertório espontâneo de expressões, que se abrem metacomunicativamente aos outros.

²⁵ “Perceber ou fazer algo é estabelecer uma relação entre o mundo e a mente. Segue-se que a informação para perceber ou para agir não é externa e constituída de forma independente; é determinada conjuntamente pelas exigências psicológicas e por aquilo que o ambiente proporciona e que é relevante. [...] São criações do sujeito psicológico [...]” (Trevarthen, 1978, p. 100, tradução nossa).

²⁶ Ou seja, uma função mental que direciona os movimentos (propositais) dos bebês e, ao mesmo tempo, seleciona informações para confirmá-los ou não.

o significado dos eventos do ambiente, o que representa a intersubjetividade primária, como veremos com maiores detalhes a seguir.

3.1 A INTERSUBJETIVIDADE PRIMÁRIA: A FORMAÇÃO DA COOPERAÇÃO DIÁDICA (MÃE-BEBÊ)

Utilizando um perceptoscópio, em análises qualitativas quadro a quadro, com montagens gráficas de padrões de ação dos bebês, Trevarthen (1979a) procurou estudar as expressões faciais, gestos etc. na díade, confirmando, pois, que os bebês apresentam sensibilidade aos sinais da presença das pessoas, aprendendo, precocemente, a reconhecer a mãe como um indivíduo determinado²⁷. De fato, se constatou que, por volta de um e dois meses e meio de vida, os neonatos estabelecem com a mãe uma comunicação primária, por meio de movimentos coordenados e estereotipados do braço e pré-fala²⁸. Isso comprova que várias ações são empreendidas ou sincronizadas, com trocas alternadas ou recíprocas de mensagens entre a díade, o que é condição para o desenvolvimento da inteligência²⁹, segundo Trevarthen (1974a).

Em “*Conversations with a two month old*” (1974b), associado ao conceito de intersubjetividade primária, Trevarthen acaba por identificar, nessa fase, um *padrão inato de intenção*³⁰ humana nos bebês e uma predisposição para “perceber e usar” (interpretar) o mundo, em conversas bem-organizadas – a

27 Trevarthen (1979a, p. 537, tradução nossa) vai defender que os bebês humanos, como os mamíferos em geral, “[...] estão sintonizados com sinais da presença de sua mãe em diversas modalidades [...]”. Um vínculo que será importante para o desenvolvimento de comportamentos mais complexos.

28 Diferentemente das pesquisas acerca da protoconversa (desenvolvidas por Bullowa e Bateson, entre as décadas de sessenta e setenta), com as doutorandas Murray e Hubble, em Edimburgo, Trevarthen avançou nas pesquisas acerca do conceito próprio de pré-fala, considerada como uma forma rudimentar de falar, por intermédio do movimento dos lábios e da língua, a partir de um padrão específico de respiração e de aceno com as mãos, muito próximas aos gestos e às articulações de adultos em conversas ansiosas (Trevarthen, 1974a).

29 Como Trevarthen destacou mais tarde, que “[...] o recém-nascido já possui uma inteligência interpessoal eficaz. [...] A natureza inata dos comportamentos observados ficou aparente na forma como a comunicação foi assumida em trocas diretas face a face por um bebê algumas semanas após o nascimento, e na emissão de expressões vocais, orais e gestualmente coordenadas de forma eficaz [...]” (Trevarthen, 1998, p. 15, tradução nossa).

30 Nas palavras do próprio autor: “[...] utilizo a palavra intenção para descrever a propriedade dirigida a um objetivo dos atos infantis. Devo, no entanto, salientar que não afirmei em nenhum lugar que esta forma de previsibilidade baseada em imagens ou em modelos esteja plenamente desenvolvida em crianças pequenas. [...]” (Trevarthen, 1979a, p. 585, tradução nossa).

atenção e a *intenção* dos movimentos em bebês, operando em frequências temporais idênticas àquelas que ocorriam com os adultos. Trevarthen, Hubley e Sheeran (1975), no artigo “*Les activités innées du nourrisson*” denominam padrão inato o *comportamento exploratório* que permite ao bebê captar o interesse e as expressões dos outros e expressar as suas *intenções* de modo a serem compreendidos. Para eles, a intersubjetividade poderia ser considerada, assim, como a “[...] transmissão das *intenções* e atenções de sujeitos que perseguem um objetivo específico [...]” (Trevarthen, Hubley, Sheeran, 1975, p. 456, tradução nossa).

Nessa perspectiva, certo é reconhecer que os bebês são capazes de construir pontes para as pessoas por intermédio de uma coordenação rítmica inata (estruturas de inteligência; padrão de intenção humana; predisposição perceptiva do entorno; capacidade de alcance manual; imitação; e repertório de atos sociais). Se trata, portanto, de um ato de comunicação psicológica, capaz de demonstrar intersubjetividade, o que foi confirmado pela pesquisa desenvolvida pela psicóloga do desenvolvimento e psicanalista Olga Maratos que demonstrou, já em 1973, aspectos da imitação precoce dos bebês, nas suas primeiras semanas de vida. De fato, após pouco mais de 1 mês de vida, Trevarthen (1979a) destaca que há uma mudança de alerta para o mundo exterior, considerando-se que o bebê não é insensível às provocações da mãe, mas capaz de se adaptar e que já reúne estruturas cerebrais altamente elaboradas para comunicação interpessoal e conjugação dos movimentos sacádicos (cabeça, pescoço, olhos) e das mãos, uma das aplicações de sua psicobiologia dos motivos, como anteriormente mencionado.

Cabe mencionar, aqui, o estudo da adaptação da fala direcionada ao bebê Sarah que evidencia as sutis mudanças da fala da mãe. Nesse estudo, o doutorando Sylvester-Bradley introduz a noção de *mirroring* (espelhamento) verbal que permite perceber que, à medida que o bebê reconhece suas próprias ações no espelhamento com a mãe, se evidencia uma forma social que lhe permite incorporar mudanças de comportamento e de linguagem não verbal e desenvolver novas habilidades (Sylvester-Bradley; Trevarthen, 1978). Esse estudo possibilitou identificar formas singulares de adaptação na díade e, conseqüentemente, constatar que os interesses da bebê Sarah se ampliaram,

provocando transformação em seus comportamentos sociais e no manejo do discurso direcionado a ela por sua mãe. Sylvester-Bradley e Trevarthen (1978) reconhecem que a forma primária de diálogo humano parece terminar por volta da metade do quarto mês, quando há uma alteração marcada por uma mudança na disposição de o bebê se envolver em brincadeiras puramente diádicas face a face com a mãe³¹.

A imitação discricionária (vocalizações, movimentos faciais, maneirismos ou movimentos manuais lúdicos feitos pela mãe) se aprimora aos seis meses de vida, diferindo-se da imitação magnética do primeiro mês do neonato, o qual focava a interação mãe-bebê (intersubjetividade primária). Em decorrência dessa experiência, são forjadas rotinas padronizadas de brincadeiras que acabam por fortalecer o companheirismo, enquanto motivação para a aprendizagem cultural. Contudo, nesse interjogo, o próprio bebê pode encerrá-lo ou se recusar a jogar, de acordo com suas próprias regras de motivação – o que reforça o reconhecimento de seu papel ativo na interação.

De fato, serão aos seis meses que um brinquedo será apreendido tanto como um mediador da pretensão materna quanto um foco de interesse das experiências mais complexas e generalizadas do bebê. Isso permite, de certa maneira, a atualização de sua própria capacidade de cooperação e reforça sua condição de ator e de motivador, tornando a mãe uma participante cada vez mais secundária da ação (Trevarthen, 1979 a). Adaptando, pois, seu eu individual para um eu cooperativo, há a passagem da relação pessoa-pessoa, para a relação pessoa-pessoa objeto, de natureza triádica. Trevarthen (1993, p. 157, tradução nossa), refletindo sobre esse período, defende que “os jogos trazem à tona as tendências de ambos os sujeitos de projetar a interação dialogicamente”. As condições para a intersubjetividade secundária, portanto, já estão presentes.

³¹ Aqui, brincar significa aquilo que o indivíduo quer fazer e não o que se sente obrigado a fazer, enquanto agente livre e motivado para o interjogo. Dessa maneira, ele é capaz de focar sua atenção nos meios, nos objetivos que se integram à sua atividade lúdica, enquanto aprendiz. Diz respeito, ainda, ao controle consciente do comportamento, o que solicita uma mente ativa e alerta (Gray, 2009). Trata-se de mais um elemento que permite a passagem da protoconversa para a comunicação participativa na díade.

3.2 A INTERSUBJETIVIDADE SECUNDÁRIA: EM DIREÇÃO AO ENTENDIMENTO COOPERATIVO TRIÁDICO

Entre oito e nove meses, padrões mais complexos de partilha de interesse pelo ambiente mostram que o bebê desenvolve uma nova consciência das possibilidades de experiências partilhadas. Este é o início dos atos genuínos de significado no bebê, a partir dos quais ele busca ativamente ajuda de outra pessoa que está disposta a ensinar (Trevarthen, 1979a). O domínio pelo bebê da técnica, de novas formas de motivação e da possibilidade de combinar os objetos que escolhe, permite a criação de uma rede triádica pessoa-pessoa-objeto que inaugura, pois, a fase da intersubjetividade secundária.

Com a doutoranda Lynne Murray foi possível a Trevarthen avançar as pesquisas sobre a intersubjetividade primária iniciadas em Havard, no sentido de explorar novas potencialidades metodológicas quanto ao controle da comunicação na díade e o estudo das emoções. Esses avanços abriram caminho para que Trevarthen, com o auxílio das pesquisas da doutoranda Penelope Hubbley³², pudesse traçar, sistematicamente, a evolução dos padrões metacomunicativos ou, como mais tarde denominará, protosimbólicos (Trevarthen, 1993). Dessa maneira, com a introdução dos jogos na relação diádica e permitindo uma nova relação dos bebês com os objetos, foi possível analisar o comportamento da bebê Tracey³³, entre o primeiro e o nono mês de vida.

Assim foi possível constatar, nessa pesquisa longitudinal que as transformações na comunicação de Tracey com a mãe se vinculavam e se deviam à diferenciação de uma intersubjetividade geral de caráter complexo que se manifesta muito prematuramente nos bebês (Trevarthen; Hubbley, 1978). O

³² Trevarthen reconhece que as pesquisas desenvolvidas por Penelope Hubbley lhe permitiram identificar a intersubjetividade secundária, entre os 8-10 meses do bebê, e “[...] a combinação sistemática de propósitos direcionados a objetos com aqueles que invocavam o interesse e a interação de um companheiro” (Trevarthen, 1998, p. 31, tradução nossa).

³³ “[...] Hipotetizamos dois modos de ação psicológica: comunicação com pessoas; e ‘fazer’ com objetos. Estes últimos incluem explorar e rastrear visualmente, tentar agarrar, tentar chutar ou pisar, ou tentar agarrar na boca [...]” (Trevarthen, 1975, p. 63, tradução nossa). Além desses tipos de motivação, Trevarthen (1998) prevê um terceiro tipo de ação psicológica que ele denomina contemplação: “[...] Um terceiro tipo de motivação, interior ou autodirigido, que chamamos de ‘contemplação’, recebida, mas de atenção passageira. [...]” (Trevarthen, 1998, p. 19, tradução nossa).

campo da intencionalidade não permanece incólume a esse processo, principalmente, quando os bebês desenvolvem os processos de apreensão de objetos e de observação ativa dos eventos e das propriedades úteis dos objetos com os quais passam a interagir – conjugando ações comunicativas e práxicas, que pressupõem uma forma de reflexão (crítica) sobre a realidade e a busca por mudanças. Trevarthen e Hubley (1978) formulam, avançando nas teorias até então vigentes, o conceito de intersubjetividade secundária. Nesse contexto, se considera a ligação entre a mãe, o bebê e o objeto, em uma mesmo plano de importância em interações comunicacionais complexas e performativas.

Em “Sharing a task in infancy” (1979), esses autores relatam uma outra pesquisa que contribuiu para esse conceito. Trata-se de um estudo com cinco bebês e suas mães, com idades entre sete e dozes meses em que foram analisados quatro aspectos do comportamento da díade: o padrão temporal das trocas comunicativas; a integração dos atos interpessoais do bebê com atos de práxis conjunta; a resposta dos bebês ao comportamento pedagógico das mães; e os atos práxicos conjuntos realizados pelos bebês. Hubley e Trevarthen concluíram que sequências de trocas comunicativas entre bebês e adultos ocorriam por intermédio de atos de praxia conjunta - esses últimos dizendo respeito aos atos orientados para objetos -, englobando a atenção ou a ação da outra pessoa, inclusive, vocalizações e direção do olhar de ambos na interação. A pretensão desses pesquisadores era identificar o bebê como sendo motivador do desenvolvimento do companheirismo na relação diádica, como Trevarthen (2014) deixará mais claro, nos anos 2000.

Mais precisamente, essas trocas se iniciam quando uma pessoa realiza um ato comunicativo que é respondido por outra – com alternâncias entre o bebê e a mãe que repetidamente intercambiam a iniciativa da ação -, criando uma atenção interpessoal mútua e um *locus* compartilhado para participar e agir (Hubley; Trevarthen, 1979). A partir das observações de Hubley da bebê Tracey, entre 4 semanas e 10 meses de vida, foi possível reconhecer, por exemplo, o bebê como motivador importante no desenvolvimento do companheirismo, no uso e na nomeação compartilhada de objetos, como assinalado por Trevarthen (2014) em pesquisas posteriores, se referindo a esse período em Edimburgo.

Os bebês, por volta do décimo mês, e de forma mais significativa, a partir do décimo primeiro mês, tomam a iniciativa dessas sequências comunicativas, atraindo a atenção das mães para novos interesses pessoais ou atividades de sua própria escolha. Eles necessitam apenas de perceber a posição do objeto e sua relação com o ambiente, uma habilidade que lhe é inata, conforme já mencionado anteriormente. Dessa maneira, surge uma nova compreensão da ação de conhecer, quando os bebês se tornam ansiosos por compartilhar suas experiências com objetos com outras pessoas, com o início de atos de significado (Trevarthen, 1979b). Contudo, apenas no final do primeiro ano de vida os bebês passam a se envolver em atos cooperativos sobre objetos e se referem a esses de maneira deliberada.

Considerando, pois, os níveis de sintonia e de compreensão intersubjetiva na ontogenia inicial dos bebês, Trevarthen vai defender, ao longo de seus estudos longitudinais que a passagem do contato íntimo sujeito-sujeito (intersubjetividade primária) para as novas perspectivas na atuação conjunta e na reconstituição sobre os objetos (intersubjetividade secundária) caminhará, futuramente, para a tomada de perspectiva diante de representações e de comunicações simbólicas de primeira ordem e novas habilidades, principalmente, a partir dos dois anos de idade quando começam a combinar palavras no discurso narrativo, com predicação e senso de um eu e de um outro verbal (Braten; Trevarthen, 2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como restou demonstrado, as pesquisas de Trevarthen, nos anos 70, no âmbito das práticas interdisciplinares da década anterior, tanto no Centro de Harvard quanto no Instituto de Marselha, anteciparam seus estudos interdisciplinares em psicologia do desenvolvimento infantil, a partir dos anos noventa, com destaque para sua interlocução com as neurociências, antropologia cultural, etologia animal, sociologia, a título de exemplos. Defende-se que o esforço quanto à apresentação dos trabalhos desse autor, inclusive, contribui para novas perspectivas, no que diz respeito à sua divulgação e ao convite implícito a novas pesquisas. Cabe destacar que esse trabalho não esgota

todas as discussões sobre essa teoria, diante da tentativa de retomar, na perspectiva histórico-conceitual, o desenvolvimento do conceito de intersubjetividade inata dos bebês, em suas dimensões primária e secundária, no recorte das pesquisas das décadas de sessenta e setenta.

Nos anos posteriores, Trevarthen explicita, gradativamente, determinadas conexões entre os elementos integrantes do conceito de intersubjetividade inata e suas duas primeiras dimensões, o que torna mais promissor o trabalho de reconstituição histórica do tema pesquisado. Isso contribuiu para que alguns questionamentos durante a leitura das fontes primárias, acerca da clareza dos conceitos-chave e da contribuição de seus colaboradores, pudessem ser esclarecidos. Por esse motivo, artigos publicados posteriormente a 1980 foram utilizados durante o trabalho, na medida em que revisitam, no plano teórico e metodológico, o recorte do presente estudo.

Com isso, foi possível perceber que, por exemplo, temas como protoconversa, musicalidade, imitação e emoção, já referenciados nos textos de 1970, se tornam pesquisas independentes, ao longo das décadas posteriores, influenciando, inclusive, novas gerações de pesquisadores colaboradores e independentes. Na verdade, até os dias atuais, repercutem as conclusões de Trevarthen no plano da intencionalidade comunicativa do bebê no jogo interpessoal, enquanto uma comunicação intersubjetiva multimodal, no compartilhamento de ações e de propósitos na díade, a partir de brincadeiras até a interposição de objetos como pretexto discursivo.

Os estudos de Trevarthen, referentes ao recorte aqui proposto, ainda representam investigações atuais e de vanguarda, de caráter original e rigoroso, acerca do desenvolvimento infantil e suas implicações, no âmbito de uma psicobiologia intersubjetiva do sentido humano. Para além da área de desenvolvimento, outros campos atualizam seus estudos sobre a intersubjetividade, como é possível observar em alguns trabalhos recentes no campo da neurobiologia (p. ex: Schore, 2021), psiquiatria infantil (p.ex: Apter, Devouche, Gratier, 2019), psicologia do desenvolvimento (p. ex: Gratier, Lombroso, 2022) e clínica infantil (p.ex: Couvert, 2022). Essas pesquisas permitem confirmar a tese da intersubjetividade inata no sentido de atribuir ao bebê a condição de agente, com planos e objetivos em ação, em um sistema

dinâmico integrado pela regulação mútua das emoções e da inteligência motora de ambos.

A importância do tema aqui apresentado é fundamental para que sejamos capazes de apreender os contornos de uma psicologia do desenvolvimento não linear que considera os bebês como sujeitos ativos, inventivos, estatísticos e performáticos no manejo de seu aparato linguajero. Pode-se defender, portanto, que Trevarthen procurou apresentar evidências psicológicas no sentido de apoiar a visão de que a mente humana está, de maneira elaborada, adaptada a uma vida mental cooperativa, enraizada na neurobiologia desenvolvimentista da motivação dos bebês.

REFERÊNCIAS:

APTER, Gisèle; DEVOUCHE, Emmanuel; GRATIER, Maya (eds.). **Early interaction and developmental psychopathology**. Switzerland: Springer Nature, 2019.

BULLOWA, Margareth. Introduction. Prelinguistic communication. A field for scientific research. In: BULLOWA, Margareth. **Before Speech: The beginning of interpersonal communication**. New York: Cambridge University Press, 1979, 1-58.

BRATEN, Stein; TREVARTHEN, Colwyn. From infant intersubjectivity and participant movements to simulation and conversation in cultural common sense Prologue. In: BRATEN, Stein. (ed.). **On being moved: from mirror neurons to empathy**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007, p. 21-34.

CLARAC, François; MASSION, Jean; STUART, Douglas G. Reflections on Jacques Paillard (1920-2006) – a pioneer in the field of motor cognition. **Brain Research Reviews**, v. 61, n. 2, p. 256-280, august 2009. DOI: 10.1016/j.brainresrev.2009.07.003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26698531_Reflections_on_Jacques_Paillard_1920-2006_-_A_pioneer_in_the_field_of_motor_cognition. Acesso em: 12 de janeiro de 2024.

COHEN-COLE, Jamie. Instituting the science of mind: intellectual economies and disciplinary exchange at Harvard's Center for Cognitive Studies. **The British Journal for the History of Science**, v. 40, n. 4, p. 567-597, dec./ 2007. DOI: 10.1017/S0007087407000283. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30160837>. Acesso em: 2 jan. 2024.

COUVERT, Marie. **Le bébé analysant** . Une clinique du trait. Paris : Érès, 2022.

DELAFIELD-BUTT, Jonathan; TREVARTHEN, Colwyn. Infant Intentions: The role of agency in learning with affectionate companions. **PsyArXiv**, p. 1-7, dez. 2019. DOI: 10.31234/osf.io/qctsn. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/337965387_Infant_Intentions_The_role_of_agency_in_learning_with_affectionate_companions. Acesso em: 2 dez. 2023.

FIAMENGGHI, Geraldo Antônio. **Interaction between infants: understanding intersubjectivity and emotional expression**. Tese de doutorado, Edimburgo: Universidade de Edimburgo, 1998. DOI: <http://hdl.handle.net/1842/21239>. Disponível em: <https://era.ed.ac.uk/handle/1842/21239?show=full>. Acesso em: 22 mar. 2024.

FONSECA, Vítor de. Papel das funções cognitivas, conativas e executivas na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Rev. Psicopedagogia**, v. 31, n. 96, p. 236-253, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/88337280/Papel_das_funções_cognitivas_conativas_e_executivas_na_aprendizagem_uma_abordagem_neuropsicopedagógica. Acesso em: 20 jan. 2024.

GRATIER, Maya; LUMBROSO, Valeria; SIMEONI, Umberto. **L'odyssée des 1000 jours**. De la grossesse aux 2 ans de l'enfant. Paris : Marabout, 2022.

GRAY, Peter. Play as a foundation for hunter-gatherer social existence. **American journal of play**, v.1, n. 4, p. 476-522, spring 2009. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2014-22236-004>. Acesso em: 15 jan. 2024.

HERVÉ, Anne-Flore. Erika Parlato-Oliveira, chercheuse et psychanalyste : « Les bébés sont des interlocuteurs dès leur naissance, écoutons-les ! » **Le pro de la petite enfance**, fév./ 2023. Disponível em: <https://lesprosdelapetiteenfance.fr/vie-professionnelle/paroles-de-pro/rencontres/erika-parlato-oliveira-chercheuse-et-psychanalyste-les-bebes-sont-des-interlocuteurs-des-leur>. Acesso em: 12 dez. 2023.

HUBLEY, Penelope; TREVARTHEN, Colwyn. Sharing a task in infancy. In: UZGIRIS, I. (Ed.) **Social Interaction During Infancy**. New Directions for Child Development, v. 4, San Francisco: Jossey-Bass 1979, p. 57-80.

KOKKINAKI, Theano; DELAFIELD-BUTT, Jonathan, NAGY, Emese; TREVARTHEN, Colwyn. Editorial: intersubjectivity: recent advances in theory, research, and practice. **Frontiers in Psychology**, v. 14, p. 1-5, 12 jun. 2023. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1220161>. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2023.1220161/full> Acesso em: 08 de janeiro de 2024.

LAZNIK, Marie Christine; COHEN, David (org.). **O bebê e seus intérpretes: clínica e pesquisa**. São Paulo. Instituto Langage, 2011.

MARTÍNEZ, Mauricio. Intersubjetividad y teoría de la mente. **Psicología del Desarrollo**, v. I, n. III, p. 9-28, 2011. Disponível em: <https://www.academica.org/mauricio.martinez/2.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2023.

PARLATO-OLIVEIRA, Erika. **Saberes do bebê**. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

REBOUL, Anne; MOESCHLER, Jacques. **La pragmatique aujourd'hui**. Une nouvelle science de la communication. Paris: Éditions du Seuil, 2018.

SCHORE, Allan N. The interpersonal neurobiology of intersubjectivity. **Frontiers in Psychology**. v. 12, p. 1-19, apr. 2021. DOI: 10.3389/fpsyg.2021.648616. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2021.648616/full>. Acesso em: 4 jul. 2023.

SCHÖGLER, Ben; TREVARTHEN, Colwyn. To sing and dance together. From infant to jazz. In: BRATEN, Stein. (Ed.). **On being moved**: from mirror neurons to empathy. Amsterdam/Philadelphia: John Benhamins, 2007, p. 281-302.

SMIDT, Sandra. **Introducing Trevarthen**. A guide for practitioner's and students in early years education. New York : Routledge, 2018.

SPERANZA, Mario ; OUSS-RYNGAERT, Lisa. La psychologie du développement et les théories psychanalytiques du développement : le problème de l'inférence et de la cohérence épistémologique. *La psychiatrie de l'enfant*, v. 53, p. 5-28, 2010/1. DOI: 10.3917/psy.531.0005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/247911492_La_psychologie_du_developpement_et_les_theories_psychanalytiques_du_developpement_le_probleme_de_l_inference_et_de_la_coherece_epistemologique. Acesso em: 10 out. 2023.

SYLVESTER-BRADLEY, Benjamin; TREVARTHEN, Colwyn. "Baby-talk" as an adaptation to the infant's communication. In.: WATERSON, Natalie; SNOW, Catherine E. (eds.). **Development of Communication**: Social and Pragmatic Factors in Language Acquisition. London: Wiley. 1978, p. 75-92.

TREVARHTEN, Colwyn, PARLATO-OLIVEIRA, Erika (orgs.). **Bebê, corpo e ação**. São Paulo: Instituto Langage, 2021.

TREVARTHEN, Colwyn. Prespeech in communication of infants with adults. Project report. **Journal of Child Language**, v. 1, n. 2, p. 335-337, 1974a. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/journal-of-child-language/article/abs/departement-of-psychology-university-of-edinburgh-prespeech-in-communication-of-infants-with-adults/3727683FA50B397373C10C3AC79588F5>. Acesso em: 10 out. 2023.

TREVARTHEN, Colwyn. Conversations with a two-month old. **New Scientist**, v. 2, p.230-235, may 1974b. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/334356835_Conversations_with_a_two-month-old_1. Acesso em : 10 out. 2023.

TREVARTHEN, Colwyn; HUBLEY, Penelope.; SHEERAN, Lynne. Les activités innées du nourrisson. (Psychological actions in early infancy), **La Recherche**, v. 6, p. 447-458, 1975. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/282762233_The_innate_activities_of_the_infant. Acesso em: 10 out. 2023.

TREVARTHEN, Colwyn. Modes of perceiving and modes of acting. In: PICK, Herbert L.; SALTZMAN, Elliot. (eds.) **Psychological modes of perceiving and processing information**. Hillsdale, N.J: Erlbaum, 1978, p. 99-136.

TREVARTHEN, Colwyn; HUBLEY, P. Secondary intersubjectivity: Confidence, confiding and acts of meaning in the first year. In: LOCK, A.(Ed.). **Action, Gesture and Symbol**. The emergence of language. London: Academic Press, 1978, p.183-229.

TREVARTHEN Colwyn. Instincts for human understanding and for cultural cooperation: their development in infancy. In: CRANACH, Mario von; FOPPA, Klaus; LEPENIES, Wolf; PLOOG, Detlev. **Human ethology**. Claims and limits of a new discipline. Contributions to the Colloquium sponsored by the Werner-Reimers-Stiftung. Paris. Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1979a. p. 530-594.

TREVARTHEN, Colwyn. The tasks of consciousness: how could the brain do them? In: WOLSTENHOLME, Gordon Ethelbert Ward; O'CONNOR, Maeve. **Brain and Mind**. Ciba Foundation Symposium 69. Amsterdam: Excerpta Medica, 1979b, p. 187-253.

TREVARTHEN, Colwyn. The foundations of intersubjectivity: Development of interpersonal and cooperative understanding in infants. In: OLSON, David R. (ed.). **The Social Foundations of Language and Thought: Essays in Honor of J.S. Bruner**. New York: W. W. Norton, 1980, 316-342.

Trevarten, Colwyn. The self born in intersubjectivity: The psychology of an infant communicating. In.: Neisser, Ulrich G. (Ed.). **The perceived self: Ecological and interpersonal sources of self-knowledge**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 121–173.

TREVARTHEN, Colwyn. The concept and foundations of infant intersubjectivity. In: BRATEN, Stein (Ed.). **Intersubjective communication and emotion in early ontogeny**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 15-46.

TREVARTHEN, Colwyn. Intersubjectivity. In.: WILSON, Robert A.; KEIL, Franck C. (ed.). **The MIT Encyclopedia of the Cognitive Science**. Cambridge, Massachusetts, London, England: MIT Press, 1999, p. 415-419.

TREVARTHEN, Colwyn. Infant psychology is an evolving culture. **Human development**, v. 43, p. 233-246, 2003a. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/247701825_Infant_Psychology_Is_an_Evolving_Culture. Acesso em: 6 jul. 2023.

TREVARHTEN, Colwyn. Human biochronology: on the source and functions of 'musicality'. In.: HAAS, R; BRANDES, V. (eds.). **Music at works**. Contributions of biology, neurophysiology, psychology, sociology, medicine and musicology. Wien: Springer-Verlag, 2009.

TREVARTHEN, Colwyn. La psicobiología intersubjetiva del significado humano: el aprendizaje de la Cultura depende de interés en el trabajo práctico cooperativo y del Cariño por el gozosa arte de la buena companhia. **Clínica e Investigación Relacional**, v. 5, n. 1, p. 17-33, feb.2011. DOI: 10.21110/19882939.2011.050102. Disponível em: <https://www.psicoterapiarelacional.es/CeIRREVISTA-On-line/CeIR-Buscador-Valore-y-comente-los-trabajos-publicados/ID/227/La-psicobiologia-intersubjetiva-del-significado-humano-Colwyn-Trevarthen>. Acesso em: 08 de janeiro de 2024.

TREVARTHEN, Colwyn. Embodied human intersubjectivity: imaginative agency, to share meaning. **Journal of cognitive semiotics**, v. 4, n. 1, p. 6-56, 2012. DOI: 10.1515/cogsem.2009.4.1.6. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/271048382_Embodied_Human_Intersubjectivity_Imaginative_Agency_To_Share_Meaning. Acesso em: 4 maio 2023.

TREVARHTEN, Colwyn. In Praise of a Doctor Who Welcomes the Newborn Infant Person. **Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing**, v. 26, 204–213, 2013. DOI:10.1111/jcap.12048. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/255174288_In_Praise_of_a_Doctor_Who_Welcomes_the_Newborn_Infant_Person. Acesso em: 5 out. 2023.

TREVARTHEN, Colwyn. Awareness of infants: what do they, and we, seek? **Psychoanalytic Inquiry**, v. 35, p. 395-416, 2015. DOI: 10.1080/07351690.2015.1022488. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277970094_Awareness_of_Infants_What_Do_They_and_We_Seek. Acesso em: 3 set. 2023.

TREVARTHEN, Colwyn.; DELAFIELD-BUTT, Jonathan T. Development of consciousness. In: HOPKINS, Brian; GEANGU, Elena; LINKENAUER, Sally. (Eds.). **Cambridge Encyclopedia of Child Development**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017a, p. 821-835.

TREVARTHEN, Colwyn; DELAFIELD-BUTT, Jonathan T. Intersubjectivity in the imagination and feelings of the infant: implications for education in the early years. In: WHITE, E. Jane.; DALLI, Carmen. (Eds.). **Under-three years olds in policy and practice**. New York: Springer, 2017b, p. 17-39.

TREVARTHEN, Colwyn. My psychobiological life story. **The arts in psychotherapy**, v. 65, p. 1-2, nov. 2019a. DOI: 10.1016/j.aip.2019.101598. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/My-psychobiological-life-story-Trevarthen/2c325b2249e07b8e83c1246d3d4b8dac1b66db81>. Acesso em: 4 maio 2023.

TREVARTHEN, Colwyn; AITKEN, Kenneth. J.; GRATIER, Maya. **O bebê nosso professor**. São Paulo: Instituto Langage, 2019.

TURSKY, Bernard; TREVARTHEN, Colwyn. Recording horizontal rotations of head and eyes in spontaneous shifts of gaze. **Behav. Res. Met. & Instru**, v. 1, n. 8, p. 291-293, 1969. DOI: <https://doi.org/10.3758/BF03209917>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/227297746_Recording_horizontal_rotations_of_head_and_eyes_in_spontaneous_shifts_of_gaze. Acesso em: 6 maio 2023.